

Primeiro baile tinha tema ecológico

Mas não foi somente de festa o carnaval brasileiro de 1959. A terça-feira gorda foi marcada pelo massacre dos operários

O carnaval de 1959 iniciou Brasília na folia, realizando o primeiro baile ecológico da cidade, mas também trouxe para sua história a mancha de um provável massacre de operários.

O baile aconteceu no dia 7 de fevereiro no Brasília Palace Hotel, ou Hotel do Turismo como era conhecido naqueles tempos. A festa foi organizada por um grupo de funcionários da Novacap e duas agências de turismo, sob o olhar temeroso do presidente Juscelino e da própria Novacap, que negou participação no evento.

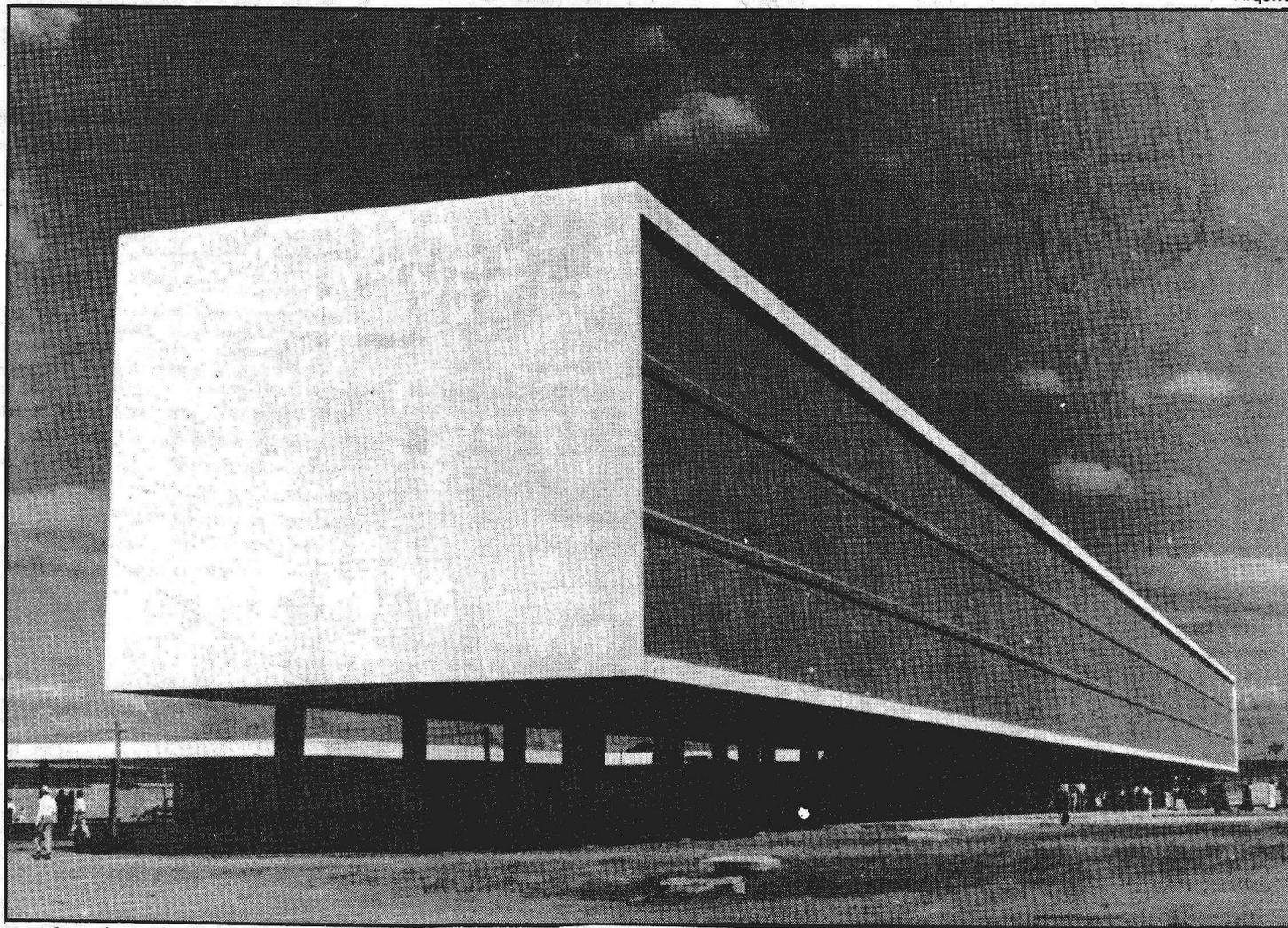
Sob o interessante título de *Baile da Arara Azul*, o primeiro baile de Brasília foi também o primeiro carnaval ecológico do Planalto. Depois de três anos de trabalhos ininterruptos de centenas de candangos, a arara azul, antes tão abundante, começava a rarear o céu do cerrado. Já em 1959, o baile chamava a atenção para o seu extermínio.

Duas orquestras animaram a festa, que transcorreu sem incidentes dignos de registro e contou com a presença do presidente Kubitschek.

A parte triste do carnaval candango viria na terça-feira, com um incidente ocorrido no acampamento da empresa Pacheco Fernandes, encarregada da construção do Palácio do Planalto.

Segundo a imprensa carioca, dois trabalhadores reclamaram da comida e ameaçaram agredir o cozinheiro. Um engenheiro chamou a polícia, que chegou agredindo e atirando nos operários, inclusive em alguns que estavam dormindo. Ainda segundo a imprensa, nove trabalhadores teriam sido mortos.

Dois dias depois, João Virgílio Fi-



Brasília Palace Hotel — nos seus salões foi realizado o "Baile da Arara Azul"

lho foi ao Rio de Janeiro dar outra versão do incidente. Segundo ele, teria ocorrido uma briga entre trabalhadores e um, apenas um, teria sido morto, o operário Evaristo de Moraes Brandão.

Houve investigação, mas o ritmo frenético da construção de Brasília não permitiu uma apuração cuidadosa

do fato, o que gerou uma versão fantástica sobre dezenas de mortos e enterros em valas imensas nos mais variados locais do Distrito Federal.

O que se sabe hoje, passados 36 anos, é que, na folha de pagamento da Pacheco Fernandes do mês de fevereiro de 1959, sete trabalhadores

não foram receber seus vencimentos. Suzana Conceição Mendonça, em depoimento gravado no Arquivo Público do Distrito Federal, conta que lavava a roupa de vários operários da Pacheco Fernandes naquela época. Depois do incidente, vários deles jamais foram buscar suas roupas lavadas, e nunca mais foram vistos. (Arquivo Público)